



Neamp

BRASIL X CORINTHIANS: rivalidades dentro e fora de campo

Miguel A. de Freitas Jr^{*}

Tudo começa e tudo acaba, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontrolável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: – ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas.

Nelson Rodrigues

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi analisar a forma com que o amistoso realizado entre o selecionado nacional e a equipe do Corinthians Paulista (1958) foi representado a partir do escrito de cronistas, jornalistas e memorialistas dos anos 1950. Esta partida serviu como motivação para que estes agentes expressassem os seus posicionamentos ideológicos e mesmo em um momento, onde se buscava a incorporação do Brasil entre as nações mais desenvolvidas, o futebol revelou muitas das dificuldades internas, na qual a identidade clubística e/ou regional acabava prevalecendo sobre a incipiente e frágil identidade nacional.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the way that the friendly held between the national and selected team of Corinthians Paulista (1958) was represented from the writing of columnists, journalists and memoirists of the 1950s. This game served as motivation for these actors to express their ideological positions and even at a time, where he sought the incorporation of Brazil between the more developed nations, football has revealed many internal difficulties, where the identity of a club and/or regional ended precedence over the nascent and fragile national identity.

Como fato social o futebol coloca em evidência muitos dos dilemas existentes na sociedade brasileira, onde em diversos momentos a presença de sentimentos exacerbados foram expressos como forma de defesa dos interesses regionais, ou da paixão clubística. Muitas vezes, estes discursos entravam em choque com os valores idealizados pela elite local, que na década de 1950 desejavam ver uma nação moderna que caminhava de forma acelerada para o progresso e o desenvolvimento, valores fundamentais presentes nos chamados “anos dourados” de Juscelino Kubitschek. (VELLOSO, 2002: 173 e DUARTE, 2003)

^{*} Professor Assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, Pesquisador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade. Agradeço ao professor José Paulo Florenzano pela sugestão do tema e ao professor Plínio Labriola Negreiros pela sugestão de fontes.



Neamp

Foi acompanhando o esforço modernizador presente no país, que após as derrotas sofridas nos mundiais de 1950 e 1954, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) propôs um plano de atualização para o futebol nacional, visando levar para a Copa do Mundo realizada na Suécia uma equipe escolhida a partir de um perfil idealizado para o homem brasileiro, que tinha como referência o *ethos*¹ de uma elite letrada, responsável em criar e aplicar este planejamento.

O Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC) pode ser visto como um esforço político para que os jogadores brasileiros pudessem representar a imagem de uma nação moderna e civilizada. O Plano é uma síntese das preocupações presentes no pensamento intelectual daquele momento, levando os dirigentes a interferir no autocontrole, na forma de se vestir, de se comportar, de se relacionar com os outros países, chegando, inclusive, a influenciar a estética dos jogadores que representariam o Brasil na Europa. De modo que estes refletissem a imagem idealizada em torno de um povo culto, educado e saudável, que serviria como exemplo bem sucedido de uma nação que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído à mistura de raças e à personalidade do homem brasileiro (FREITAS JR, 2009):

Em 1958, em plena euforia do desenvolvimentismo, da construção de Brasília e das manifestações artísticas de vanguardas, o selecionado nacional realizou uma longa preparação, que envolveu médicos, psicólogo, dentista, preparador físico e muito planejamento. Entretanto, mesmo com toda esta organização a equipe entrou em campo para realizar seu último amistoso aqui no Brasil, sendo recebida sob vaias e descrédito dos torcedores paulistas. (*Jornal dos Sports*, 24.05.1958). Resultando em um processo tenso entre os valores idealizados para a Nação e uma atitude revanchista que poderia revelar sinais de antipatriotismo, ou no limite, poderia-se dizer que houve uma prevalência da identidade clubística sobre a incipiente e ainda frágil identidade nacional.

Aquela *match* não foi descrito pela imprensa esportiva como uma disputa que aconteceu em condições de normalidade, pois mesmo sendo um jogo treino, as circunstâncias que o antecederam criaram um clima de rivalidade entre os torcedores do Sport Club Corinthians Paulista, que estimulados pelos cronistas esportivos do estado de São Paulo, foram ao Pacaembu para torcer contra o selecionado brasileiro. Por sua vez, os cronistas do

¹ Ethos é um termo de origem grega, que apresenta um entendimento genérico, normalmente servindo para designar o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Neste estudo ele é entendido à partir da proposição de W. G. Summer, que o compreende como sendo a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros.



Neamp

principal jornal esportivo carioca – *Jornal dos Sports* – procuravam diminuir o impacto de uma possível crise e praticamente ignoraram este evento, não dando a ele nenhum tipo de notoriedade. Compartilhamos a opinião de Motter, quando afirma que:

A imprensa é uma das fontes de que se serve o historiador. Fonte sujeita a múltiplos comprometimentos pela ambivalência de se situar como espaço público e espaço privado, ou seja, pela sua característica de constituir-se em empresa inserida no sistema capitalista - já que é esse tipo de imprensa que nos preocupa - com todas as conseqüências que isso pode acarretar, por um lado, e, por outro, propondo ser um espaço de liberdade, estabelecer a intermediação entre governantes e governados, porta-voz desses últimos e defensora de seus interesses. (MOTTER, 1990)

Motter relata que os jornais são tendenciosos, pois eles são empresas privadas que possuem donos, os quais definem a linha editorial do periódico. Por isso, o presente artigo busca analisar a forma com que a imprensa dos dois principais rivais futebolístico do país, posicionaram-se sobre o amistoso realizado no estádio municipal do Pacaembu (hoje Paulo Machado de Carvalho), no dia 21 de Maio de 1958, pois a não convocação de alguns jogadores paulistas foi considerado um ato ofensivo contra o estado de São Paulo. Certamente, isto influenciou para que esta partida reunisse e construísse uma série de significados, inclusive criando polêmicas e mitos em torno de lances como o que envolveu o jogador corinthiano Ari Clemente e o jovem atacante brasileiro – Pelé, que quase ficou fora da Copa do Mundo, devido a uma entrada do jogador alvi-negro.

Essa disputa ocorrida dentro de campo fazia parte de uma rivalidade mais ampla, que envolvia a capital da República e o principal centro de movimentação financeira do país naquele momento, o qual acabou por se transformar em uma questão de orgulho regional, que foi assumida por diferentes agentes sociais, que buscavam definir a qual dos estados caberia a liderança política, econômica e social do país. Entre os agentes envolvidos nesta “guerra simbólica” este estudo destaca o papel atribuído e exercido pelos cronistas e jornalistas esportivos. Agentes sociais que apresentavam um significativo capital simbólico e que tinham a possibilidade de levar a sua mensagem para um grande número de pessoas.

Para eles o futebol foi visto como uma atividade significativa que possibilitava a auto-afirmação regional, já que os resultados obtidos dentro de campo eram levados para as páginas dos periódicos, onde estes agentes expressavam as virtudes do seu estado, bem como os defeitos dos seus desafetos. Segundo Velloso, os literatos paulistas normalmente representavam a sua cidade por meio da imagem de pessoas trabalhadoras que buscavam



Neamp

constantemente o progresso. A partir disso, tentavam desqualificar a falta de seriedade do carioca que, na visão desses indivíduos, tinham como características principais a malandragem, o gosto exagerado pelo carnaval e pelas festas. (VELLOSO, 1996: 13)

Observando a documentação daquele momento, é possível identificar que após a divulgação do Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC), ocorrida no dia 7 de abril de 1958 e através do qual foram convocados os 33 jogadores que fariam parte da delegação brasileira que iniciariam os trabalhos de preparação para a disputa da Copa do Mundo da Suécia, surgiram os primeiros problemas envolvendo os interesses entre paulistas e cariocas. Inicialmente, torcedores e jornalistas paulistas reivindicavam o direito de ver na seleção, dois jogadores veteranos considerados, por eles, craques. Tratava-se de Jair da Rosa Pinto (37 anos) e Zizinho (36 anos), jogadores decisivos para a equipe do São Paulo Futebol Clube (que ficou conhecida como “rolo compressor”), conquistar o campeonato paulista de 1957. Porém, para Paulo Machado de Carvalho:

[...] os dois jogadores, consagrados nacionalmente eram vaidosos demais, teriam dificuldades em cumprir as regras do plano. “Mas e Nilton Santos (32 anos) e Didi (28 anos), estrelas de primeira grandeza do Botafogo, também não poderiam dar seus chilikues?”, reclamava a imprensa paulista. Sim, mas o lobby deles era forte: Paulo Amaral garantia que seus atletas do Botafogo se comportariam como dois anjos. (CARDOSO e ROCKMANN, 2005: 155)

A passagem revela uma contradição nos interesses que envolvem cariocas e paulistas, pois o coordenador do planejamento, e também diretor do São Paulo, optou por deixar de fora dois dos principais responsáveis pelo bi-campeonato paulista na década de 50 e, de acordo com os biógrafos de Paulo Machado de Carvalho, essa decisão foi baseada no comportamento dos jogadores, pois de acordo com a cartilha que fora escrita para nortear os trabalhos “primeiro vem o homem e depois o jogador”. E estes jogadores não apresentavam o perfil desejado pelos dirigentes. Mesmo diante das críticas e reivindicações da imprensa paulista, a comissão técnica do selecionado nacional manteve a lista de jogadores apresentada inicialmente.

Posicionamento que recebia amplo apoio da imprensa carioca, na qual autores como Nelson Rodrigues, tentava estrategicamente justificar as escolhas do treinador brasileiro, mostrando que:

Escreve-me um leitor de São Paulo para estranhar que eu houvesse dito que no Rio-São Paulo os cariocas foram superiores aos paulistas. É verdade que o leitor paulista alerta o que eu disse e o que eu quis dizer. Eu não disse que os cariocas eram melhores e sim que foram melhores. Não gosto de fazer comparações dessa espécie, de Fulano é melhor que beltrano. Aceito, sim os fatos e lhes dou importância



Neamp

eventual. Um jogador tecnicamente é um julgamento pessoal e quase sempre partidário, pode ser melhor do que outro. O outro pode brilhar mais por estar em uma grande fase. Num scratch seria mais aconselhável aproveitar o grande momento do jogador. (*Jornal dos Sports*, 05.03.1958)

Verifica-se aqui uma das características centrais da crônica, que é a aproximação com o receptor, criando certa liberdade a ponto de um leitor se sentir íntimo o suficiente para questionar o cronista sobre os seus posicionamentos. Por sua vez, o articulista se sente na obrigação de dar uma resposta, o que minimamente indica que as palavras do leitor não deveriam ser deixadas de lado. Mesmo que o diálogo tenha sido imaginário, ele representa a preocupação do cronista com a recepção do seu discurso.

A sua resposta busca deixar claro que aquela era a sua opinião. Para isso, Nelson Rodrigues justifica que não estava afirmando que os cariocas eram melhores do que os paulistas, pois, o retrospecto do torneio Rio-São Paulo era favorável às equipes bandeirantes. Entretanto, o recurso utilizado pelo autor lhe permite justificar que naquele momento, o futebol carioca estava em uma melhor fase, o que demonstra que, para ele, o que deve prevalecer no futebol é o momento de um jogador e não a sua trajetória, a sua experiência ou os resultados conquistados anteriormente. Mesmo sendo um posicionamento apaixonado, o autor construiu um discurso que lhe permitiu justificar a não convocação dos jogadores paulistas.

Como naquele contexto o jornal era um dos principais meios de comunicação do país, os literatos tinham um papel significativo na formação da opinião pública, e por isso, cada cronista buscava defender os interesses que lhes era conveniente. Ao repetir de maneira reiterada essa opinião, o *Jornal dos Sports* auxiliava na formação da visão do torcedor, criando novos sentidos para os acontecimentos que eram discursivamente representados e muitas vezes socialmente incorporados. Contudo, este discurso eivado de sentimentos foi frontalmente questionado em uma matéria publicada no dia 21 de maio de 1958, no periódico paulista *Diário Popular*:

(...) O Corinthians vai com sua melhor força. Reclama a torcida paulista: Dorval no lugar de Garrincha. Fala-se que a escalação de um jogador é uma questão de ponto de vista e que de forma geral aceitou-se os jogadores escolhidos para representar o país. Ninguém, portanto, achou ruim as dispensas feitas. Acharam os torcedores do Rio e da Capital bandeirante, indistintamente que foram justas. No entanto, há alguém ainda que não corresponde as exigências de uma seleção. Queremos nos referir a Garrincha. Não pelo fato de ter pernas tortas ou de ser mau elemento. Ao contrário é um jogador esforçado. Lutador. Mas carece dos melhores recursos para ser apontado como o tal (...) Na vanguarda brasileira seu jogo efetivo e acima de tudo ideal para um ataque que conta com Pelé, Dida e Pepe, seria de extraordinária significação. Queremos nos referir a Dorval. É indiscutível o melhor elemento que possui o futebol brasileiro na



Neamp

posição (o jovem ponteiro do Santos) (...) É justo portanto, o reclame da torcida paulistana. Isso porque mesmo jogando o máximo que pode, Garrincha jamais atingirá o nível de Dorval. Essa é a comparação que pode ser feita entre ambos. E para os cariocas saberem quem é Dorval, podemos apenas dizer uma rima: é um Pelé que joga na extrema direita.

Este excerto demonstra como o futebol servia de motivação para a disputa de poder presente neste campo, onde as páginas de diferentes periódicos serviam de local para representações, críticas, defesas e acima de tudo posicionamentos que destacavam os valores presentes em uma determinada parcela da sociedade. Aqui chama-se a atenção a forma com que o jogador carioca (Garrincha) foi desqualificado pelo cronista paulista, que se preocupou em construir um posicionamento através da negação identitária, ou seja, destacando aquilo que o jogador não era. Tal estratégia permitia ao literato expressar seus valores, mostrando que o questionamento não se dava pelas limitações físicas deste atleta e nem pelo seu caráter questionável, mas se isto não tivesse influência porque tais fatos seriam mencionados? Tais palavras refletem em certa medida os valores presentes na sociedade local, onde o nosso complexo de inferioridade, a nostalgia e o desejo de assemelhar-se ao europeu são constantes e acabam se tornando elementos recorrentes na literatura esportiva brasileira.

Ao buscar compreender as relações entre o campo específico e a sociedade local, observa-se que há uma convergência temática entre o pensamento social brasileiro e os escritores que tratavam do futebol nacional daquele momento. Ambos os grupos se mostram preocupados em pensar os problemas e o futuro do país, isto nos permite afirmar, que estes discursos estavam em consonância com uma cultura política que buscava auxiliar na criação de um imaginário desenvolvimentista e modernizador para o Brasil, que tinha a Nação como um dos seus eixos reflexivos centrais.

Entretanto, bastou que o treinador do selecionado nacional, Vicente Feola (ex-treinador do São Paulo Futebol Clube), convocasse somente 3 jogadores corintianos: Gilmar, Oreco e Roberto², para que este discurso de coesão em torno do selecionado fosse abandonado. Um exemplo significativo foi a ausência do ponta-direita corinthiano Luizinho³, considerado um dos maiores jogadores do clube, cuja ausência no selecionado nacional foi destacada por diferentes periódicos, como nessa matéria publicada às vésperas do amistoso pelo jornal paulista *Última Hora*:

² Dos 33 jogadores convocados 18 vinham de equipes cariocas e 15 de equipes paulistas.

³ Luíz Trochillo, era um jogador de 1,64m que conquistou a torcida corinthiana ao vencer o torneio Rio-São Paulo de 1950, 1953 e 1954; além dos campeonatos paulista de 1951, 1952 e 1954. Devido a sua baixa estatura foi carinhosamente apelidado pelos alvi-negros de “O Pequeno Polegar”.



Neamp

Esta noite tem espetáculo: Scratch vs. Corinthians.
Luisinho, a vedete da “Revista” de Hoje no Palco do Pacaembú!
Expectativa no mundo esportivo paulistano. Podemos mesmo dizer, em todo o Estado de São Paulo: esta noite, no estádio do Pacaembú, defrontar-se-ão o “scratch” brasileiro e a equipe principal do Corinthians Paulista. E diremos nós: nem o jogo contra o Paraguai e nem contra a Bulgária despertaram tamanho interesse. (*Última Hora*, 21.05.1958)

Este tipo de representação social auxiliava na construção simbólica da identidade regional, a partir do sentimento de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e no caso das crônicas de futebol, muitas vezes elas foram utilizadas para estabelecer a diferença. Para o jornalista que não assina esta matéria, os amistosos realizados contra equipes estrangeiras tinham um valor menor quando comparado ao que poderia acontecer na disputa contra um time local. Principalmente porque estaria jogando um atleta que foi “desprezado” pela comissão técnica e que teria a oportunidade de mostrar que eles estavam errados. Não somente ele, mas todos os jogadores queriam mostrar que eles também tinham condições de estar no selecionado. O jornal buscava criar um clima de ansiedade dos paulistas em torno da partida, é como se a rivalidade clubística tivesse momentaneamente sido deixada de lado e que todos os torcedores iriam para o jogo torcer para o Corinthians, que naquela oportunidade representava São Paulo. Por outro lado:

A comissão técnica justificou sua ausência alegando contar com um excesso de bons jogadores para a posição. Nos bastidores, o comentário era outro. “O Pequeno Polegar” havia muito tempo era “vigiado” pelo implacável caderno de Paulo Machado. Para o dirigente, dizia-se entre jornalistas, Luizinho dava grandes espetáculos no Pacaembu diante de sua torcida, mas fugia das divididas quando os jogos eram disputados contra equipes do interior de São Paulo, que adotavam uma marcação mais violenta. (*Última Hora*, 21.05.1958)

Estas justificativas não foram aceitas pelos torcedores do Corinthians, que na década de 50, mesmo com apenas 40 anos de fundação da equipe paulista já apresentava uma das maiores torcidas do Brasil. Ficando conhecida como Nação Corinthiana e Fiel Torcida, as quais apresentam como característica o alto nível de exigência com a equipe, a fidelidade ao time, a vibração durante os jogos e a paixão incomensurável pelos assuntos da sua equipe, atributos que auxiliam na construção identidade destes torcedores. Além disso, a “Nação Corinthiana” pode ser identificada pela sua ligação com o povo/massa, não enquanto um elemento pejorativo que reflete a falta de consciência ou a anomia coletiva, mas como um vínculo estabelecido entre esta instituição e os trabalhadores/operários paulistas, que desde a



Neamp

fundação da equipe no dia 1 de Setembro de 1910, no Bom Retiro, bairro paulistano, possibilitou a participação popular, sem privilégios, sem preconceitos de cor. (SANTOS, 1990: 36-7 e NEGREIROS, 1992)

Esta identificação da torcida com a equipe, não se dá via a um único estilo de jogo aplicado dentro do campo, mas sim a fatores históricos que acompanharam a trajetória desta equipe. Diferente do que acontece em alguns estados brasileiros onde a raça tornou-se a marca distintiva das equipes, o time corinthiano que enfrentaria o selecionado nacional apresentava jogadores como Luizinho, que ficara conhecido pela sua habilidade e futebol plástico (futebol-arte); por outro lado apresentava jogadores como Ari Clemente, que se destacou no mundo esportivo pela sua virilidade na disputa em campo (futebol-força).

Devido a carência de informações nos jornais da época, recorreremos há algumas referências que foram publicadas posteriormente, mas que podem nos ajudar a compreender qual foi o clima daquela partida. Mario Filho reconstituiu o acontecimento, enfatizando que um dos jogadores paulistas “deu um pontapé”, que pode ser interpretado como um ato de violência intencional:

A bola estava no chão, rolando, Pelé avançava quando recebeu um pontapé de Ari no joelho. A dor derrubou-o. Quis levantar-se rápido, estufar o peito, enfrentar Ari, mas ficou no chão. Segurou o joelho entre as duas mãos cheias de barro. Sentado, Pelé viu Didi ir para cima de Ari. Didi e Mazola. João Etsel se metia no meio. Agora Pelé ouvia a voz de Mario Américo: - Te ace-cer-ta-taram crioulo[...] Pelé estendeu a perna direita. Hilton Gosling ajoelhou-se junto dele, apalpou-lhe o joelho. Dói? - Dói muito. Então se apóie no Mario Américo. Você vai sair. (RODRIGUES FILHO, 1963: 170)

Mario Filho segue uma mesma linha de suas argumentações cotidianas, que normalmente está voltada para a questão da civilidade, da mestiçagem e do futebol como um elemento significativo, capaz de simbolizar a identidade brasileira. Neste caso especificamente ele destaca o comportamento dos paulistas como um entrave para o selecionado nacional. Seguido a isso, o cronista indica o espírito de união do grupo, ao relatar que seus colegas de equipe tentaram defender Pelé, o que pode ser entendido como uma atitude de solidariedade estabelecida no grupo. É interessante que o autor não entende a tentativa de revide dos jogadores brasileiros como uma atitude negativa, algo supostamente contraditório, tendo em vista que um dos principais cuidados apontados pelo PPMC era o autocontrole dos jogadores.

A biografia de Paulo Machado de Carvalho relata o lance de forma semelhante, mostrando que no estádio era muito tenso, pois os torcedores corinthianos ignoraram a chuva



Neamp

que caíra durante todo o dia e foram ao estádio para protestar pela ausência dos seus jogadores e puderam acompanhar vários confrontos dentro de campo, entre os quais o autor destaca:

(...) mais um duelo acontecia do outro lado do campo. Pelé já passará três bolas por debaixo das pernas de Ari Clemente, seu alvo preferido quando jogava contra o Corinthians. Ex-lateral do Bangu, conhecido pelo repertório de botinadas, Clemente percebeu que aquele jogo seria a chance de se vingar dos deboches do jovem atacante santista. Cansado de correr atrás de Pelé, ameaçou: - Mais uma brincadeira, arranco a sua perna agora mesmo! Pelé sabia que não podia fugir do confronto. Ouvira dizer que o próprio Luizinho tinha sido cortado por amarelar em jogos no interior de São Paulo. Naquele momento, a poucos dias de uma Copa do Mundo, era preciso mostrar coragem e personalidade. Seguiu jogando normalmente, e quando preparava um novo drible no zagueiro, este não perdoou. Pelé ainda tentou saltar, mas foi pego no joelho pela chuteira de Clemente. Levado ao vestiário, contorcendo-se de dor, o menino de dezessete anos tinha certeza de que estava fora da Copa do Mundo. (CARDOSO e ROCKMANN, 2005: 160)

Este relato destaca-se pela forma romântica com que os fatos são descritos, sendo esta a única narrativa a enfatizar o futebol artístico do jovem jogador brasileiro, criando um misto de arte e deboche para com o adversário, o que em certa medida explicaria uma suposta atitude violenta do jogador corintiano. Entretanto, dribles desconcertantes e/ou jogadas plásticas são sempre enfatizadas pela mídia e os jornais não relataram nada sobre uma disputa particular entre Pelé e Ari Clemente.

Vejamos como o protagonista deste acontecimento descreve o lance que quase o tirou da disputa de sua primeira Copa do Mundo. Em sua autobiografia Pelé não faz nenhum tipo de comentário às supostas atitudes agressivas por parte dos adversários:

Quando estava 3 a 1 para a seleção brasileira, recebi a bola na intermediária do Corinthians e estava quase entrando na área deles quando Ari Clemente apareceu do nada, tentando tirar a bola de carrinho. Tentei driblá-lo, mas ele esticou a perna para a bola e acertou meu joelho direito. Caí. Imaginei se seria capaz de continuar jogando – sim, seria, disse a mim mesmo -, mas o meu joelho cedeu logo na primeira vez que tentei me apoiar nele. Fui tirado de campo, e me lembro de olhar ansiosamente para o Dr. Hilton Gosling, o médico da equipe, e para Mario Américo, o fisioterapeuta. (NASCIMENTO, 2006: 83-4)

O jogador não fomenta a rivalidade, encarando o acontecimento como um lance normal, porém infeliz porque aconteceu durante às vésperas da Copa do Mundo. A sua preocupação não se volta para o revide imediato, mas para os acontecimentos futuros, principalmente, com a incerteza de embarcar para a Europa junto ao selecionado. De acordo com as memórias do próprio jogador, o médico da seleção foi quem mais acreditou que ele conseguiria se recuperar para jogar a Copa do Mundo.

Observando a edição dos jornais paulistas, publicada no dia seguinte a realização do jogo, verifica-se que com mínimas diferenças estéticas na escrita, o posicionamento foi



Neamp

consensual – o selecionado brasileiro havia jogado muito bem e havia merecido a vitória. Estes documentos também fornecem indícios de que o próprio Pelé ao relembrar os fatos acabou atribuindo-lhes outros significados. Se for observado os comentários feito pelo *Última Hora*, no dia posterior a partida veremos que: “Sai Pelé e entra Vavá. Pelé sente uma contusão aos 19 minutos e dá lugar para Vavá”.

O Estado de São Paulo, do mesmo dia vai mostrar que a vitória de 5 a 0 do selecionado brasileiro encerrou os jogos nos campos brasileiros, com uma exibição que satisfiz plenamente os torcedores. É interessante a mudança rápida de discurso, pois se antes do jogo o selecionado brasileiro representava os outros, após o jogo eles são vistos como representantes da Nação. Este periódico também fornece elementos que demonstram que Pelé já não estava mais em campo quando os gols aconteceram:

O primeiro tempo decorreu muito movimentado sem contudo verificar-se completo entrosamento entre os elementos do ataque, pois faltava a este orientação. Daí a contagem ter sido aberta somente aos 37 minutos, quando Mazzola recebeu um passe de Garrincha, da direita e venceu a vigilância de Aldo que se adiantara para tentar a defesa. Também poderia nessa fase ter surgido mais um ponto, quando da cobrança de uma penalidade máxima cometida por **ARI** em Garrincha, Didi chutou para fora, ao procurar colocar a bola no canto direito da meta guarnecida por Aldo (...) (*O Estado de São Paulo*, 22.05.1958)

Tais informações nos fornecem indícios da falta de significância deste acontecimento para Pelé, pois ao equivocar-se no tempo e nas circunstâncias em que os fatos ocorreram, vemos que estes acontecimentos acabaram sendo apagados da memória do jovem atleta, seja intencionalmente ou não a questão é que eles aparentemente não deixaram nenhum tipo de mágoa ou revanchismo por parte do jogador.

A Gazeta Esportiva de 22 de maio, relata que a vitória brasileira foi incontestável, com o selecionado nacional vencendo o voluntarioso time corintiano. Quanto à atuação de Pelé, esta foi vista de maneira eficiente, porém discreta, a ponto da sua substituição ser considerada mais importante que a sua atuação durante a partida: “Contudo com a contusão de Pelé, Vicente Feola fez estrear Vavá que substituiu com vantagem ao meia santista, passando este a atuar recuado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo é atividade prática profissional que acaba sendo responsável pela influência na formação da opinião pública. Nosso objetivo ao desenvolver este ensaio foi



Neamp

demonstrar que os jornais usaram o amistoso do selecionado nacional contra o Corinthians para marcarem suas posições político-ideológicas, mesmo estando envolvidos por um discurso de modernização acelerada do país, o debate ideológico presente na página dos jornais ou na memória dos personagens que estiveram diretamente ligados a este evento, revela a preponderância de uma identidade clubística sobre o conceito mais amplo de Nação.

O embate ideológico pode ser percebido durante toda a fase de preparação do selecionado para a Copa do Mundo de 1958, mas ele se acentua a partir do momento em que os jornais paulista aproveitaram o amistoso, para criticar os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), por negarem e/ou esquecerem do potencial dos jogadores daquela localidade, por isso, ir para o estádio torcer contra o Brasil não fora visto como um gesto antipatriótico, mas como uma forma de manifestar-se contra as injustiças cometidas contra os jogadores do Corinthians.

Por outro lado, verifica-se que houve um silenciamento por parte dos cronistas cariocas, que pode ser visto como uma estratégia intencional para não valorizar o acontecido e desta maneira atribuir um sentido não desejado para o futebol corinthiano, preferindo tratar o lance ocorrido entre Ari Clemente e Pelé como algo casual, fato este que foi confirmado anos mais tarde pelo próprio atleta em sua autobiografia.

As biografias esportivas apresentaram uma nova possibilidade de interpretação dos acontecimentos, nas quais o discurso racionalista foi substituído pela presença de um discurso apaixonado, eivado de sentimentos, o que acabou colocando em xeque a forma tradicional de se observar os fenômenos culturais. Mesmo havendo discursos que tentavam impor os valores presentes na cultura racionalista, o futebol não respondeu passivamente a estas exigências. Sendo um campo marcado por uma autonomia relativa, não era possível fazer determinações racionais e apriorísticas para esta configuração, pois ela era/é marcada por incertezas e sentimentos.

Diferentemente do que os jornais da época apresentam, ou ignoram os autores que posteriormente abordam este jogo, olham para o passado e atribuem um novo sentido ao acontecido, o que lhe permite recriar e romantizar o clima de rivalidade entre paulistas e o Brasil. A polêmica criada em torno deste lance, serviu fundamentalmente para valorizar a vitória do selecionado nacional, ao mesmo tempo em que cada articulista expressava e defendia os seus valores ideológicos, estabelecendo um discurso político através da crônica esportiva, pela qual eles mostram que o brasileiro tem dificuldades em valorizar a sua Nação e que a riqueza do futebol não está no jogo em si, mas no que ele representa.



Neamp

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. (2005). *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa.

DUARTE, Rodrigo. (2003). *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: UFMG.

FREITAS JR, Miguel A. de (2009). *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira da década de 1950*. Tese apresentada para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

MOTTER, Maria Lourdes. (1990) *História e Imprensa*, In: *Revista Comunicações e Artes*, Ano 15, no 24 - setembro/dezembro, 1990.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. (2006). *Pelé, a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. (1992) *Resistência e Rendição - A gênese do S. C. Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo, PUC-SP. Dissertação de Mestrado.

RODRIGUES FILHO, Mario. (1963). *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro, 1963.

SANTOS, Luis. Tolosa. (1990). *Futebol Empresa e a Democracia Corinthiana*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado de Ciências Sociais da UNICAMP, Campinas.

VELLOSO, Mônica Pimenta. (1996). *O modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixote. Rio de Janeiro: FGV.

VELLOSO, Mônica Pimenta. (2002) *A dupla face de Jano: romantismo e populismo*. In: GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV.